

# HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

Edição Especial SETA 2015

## AS INTERMITÊNCIAS DO AMOR

Brenda França de Andrade<sup>1</sup>

Maria de Fátima Batista Costa<sup>2</sup>

### Resumo

Cada época e cada povo vivem suas relações afetivas a partir das circunstâncias e valores que lhes são próprios. As sociedades contemporâneas, estruturadas pela lógica de produção, consumo e velocidade capitalista, são marcadas por relações cada vez mais velozes, fugazes e impessoais, seja no âmbito dos negócios, do comércio, das relações de troca, e até mesmo das relações interpessoais, afetivas, pois a lógica da velocidade, da superprodução, do consumo e do descarte invadiu todos os campos da vida humana. O objetivo do presente trabalho é investigar a dinâmica das relações afetivas e de como estas têm sido perpassadas pela lógica dos mercados na contemporaneidade.

### Abstract

Every age and every people live their emotional relationships from the circumstances and values appropriate to them. Contemporary societies, structured by the logic of production, consumption and capitalist speed, are marked by relations increasingly fast, fleeting and impersonal, either within the business, trade, terms of trade, and even interpersonal relationships, affective because the logic of speed, over-production, consumption and disposal invaded all fields of human life. The objective of this study is to investigate the dynamics of personal relationships and how they have been imbued by the logic of the marketplace nowadays

A experiência do amor é uma das mais importantes e também das mais complexas e multifacetadas da vida humana. Cada época e cada povo vivem suas relações afetivas a partir das circunstâncias e valores que lhes são próprios. As sociedades contemporâneas, especialmente as ocidentais, estruturadas pela lógica de produção, consumo capitalista, são marcadas por relações cada vez mais velozes, fugazes e impessoais, seja no âmbito dos negócios, do comércio, das

1 Graduanda de psicologia e orientanda do programa de Iniciação Científica da Faculdade ESUDA.

2 Graduação e mestrado em Filosofia e doutorado em Letras. Professora da Faculdade ESUDA e da faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Caruaru - FAFICA

relações de troca, e até mesmo das relações interpessoais e afetivas, pois a lógica da velocidade, da superprodução, do consumo e do descarte invadiu todos os campos da vida humana. Para Zygmunt Bauman

O desvanecimento das habilidades de sociabilidade é reforçado e acelerado pela tendência, inspirada no estilo de vida consumista dominante, a tratar os outros seres humanos como objetos de consumo e a julgá-los, segundo o padrão desses objetos, pelo volume de prazer que provavelmente oferecem e em termos de seu “valor monetário” (2004, p.96).

Bauman, um dos mais importantes pensadores do século XX, tem sistematicamente problematizado a condição do homem contemporâneo embrenhado nas relações de produção, consumo e troca, mostrando que este toma a si mesmo muitas vezes apenas com objeto destas relações. Bauman, expondo a fragilidade dos laços humanos, aponta o campo das relações afetivas como um dos mais fortemente influenciados por esta lógica de consumo e descarte. O objetivo do presente trabalho é investigar a dinâmica das relações afetivas e de como estas têm sido perpassadas pela lógica dos mercados na contemporaneidade.

Erich Fromm, refletindo sobre a orientação mercadológica e impessoal da sociedade contemporânea afirma que,

Numa cultura em que prevalece a orientação mercantil, e em que o sucesso material é o valor predominante, pouca razão há para surpresa no fato de seguirem as relações do amor humano os mesmos padrões de troca que governam os mercados de utilidade e trabalho. (1956, p.12)

Em decorrência disso, os laços humanos são cada vez mais frágeis e problemáticos. Esta fragilidade é reflexo da descartabilidade e rapidez que definem a lógica do presente que trata de objetivar e ‘tecnicizar’ as relações interpessoais obedecendo a critérios de ‘otimização de tempo e recurso’ tão largamente utilizados pelos setores do comércio e gestão, resultando assim num processo de coisificação das relações. Este processo acaba por atribuir às coisas um caráter de valor apenas possível ao homem efetivando-se assim o que se denomina *reificação*, processo pelo qual atribuímos às coisas características de autonomia próprias do homem e inversamente o destituímos dos valores e lugar que lhe são próprios, reduzindo-o à condição de coisa, objeto, autômato, e como tal, dispensável, descartável, criando todo um ciclo que consiste numa transformação experimentada pela atividade produtiva, pelas relações sociais e pela própria subjetividade, sujeitadas e identificadas cada vez mais ao caráter inanimado, quantitativo e automático dos objetos ou mercadorias circulantes no mercado. Esta transformação não ficou

reduzida ao mundo das coisas, das relações materiais de produção da existência, mas invadiu todas as esferas da vida humana, sobretudo as relações afetivas.

Na obra **Adeus ao Corpo**, David Le Breton discute a questão do abandono dos corpos, da substituição por máquinas. Para ele,

Concede-se o privilégio ao espírito, única habilidade para tratar a informação, daí a possibilidade de decretar o fim de qualquer diferença entre o vivo e o autômato. O corpo torna-se supérfluo, não passa de uma máquina desajeitada responsável pelo espírito. (2003, p.183).

O processo de coisificação do homem se dá simultaneamente ao processo de humanização das máquinas. Ainda que a visão de Breton nos pareça extremista, não é de se espantar que este é o caminho que a modernidade tem seguido.

Para Zygmunt Bauman,

Nos compromissos duradouros, a líquida razão moderna enxerga no amor a opressão; no engajamento permanente percebe a dependência e incapacidade. Essa razão nega direitos aos vínculos e liames, espaciais ou temporais. Eles não têm necessidade ou uso que possam ser justificados pela líquida racionalidade moderna dos consumidores. Vínculos e liames tornam “impuras” as relações humanas – como o fariam com qualquer ato de consumo que presuma a satisfação instantânea e, de modo semelhante, a instantânea obsolescência do objeto consumido. (2004, p.65)

A natureza das relações afetivas tem se baseado em princípios excludentes da alteridade, ou seja, o espaço para a vivência com o outro tem sido cada vez mais reduzido a furtivos e rápidos encontros que não nos exige muito, pois possibilita que permanecemos apenas na superfície da existência junto ao outro. Para Bauman

Amar ao próximo como a nós mesmos, significaria então *respeitar a singularidade de cada um* - o valor de nossas diferenças, que enriquecem o mundo que habitamos em conjunto e assim o tornam um lugar mais fascinante e agradável, aumentando a cornucópia de suas promessas. (2004, p.101).

Bauman retoma a ideia de amor ao próximo cultivada pelas grandes religiões. Octávio Paz, discutindo as relações entre amor e erotismo, afirma que “Em todas as religiões e civilizações a imagem humana sempre foi venerada como sagrada e por isso, em algumas, era proibida a representação do corpo.” (1993, p.143) e que, portanto a transformação do outro e do corpo em coisa corrobora para o isolamento progressivo do sujeito. Para Erich Fromm

Antes de começarmos a discutir o aspecto psicológico do egoísmo e do amor próprio, deve ser frisado o erro lógico da noção de que o amor pelos outros e o amor por si mesmo mutuamente se excluem. Se é uma virtude amar o meu próximo, como um ser humano, deve ser uma virtude - e não

um vício - amar a mim mesmo, pois também sou um ser humano. Não existe conceito de homem em que eu próprio não esteja incluído. (1956, p.75)

Bauman, Octávio Paz e Fromm nos fazem ver que somos muitas vezes incapazes de amar o nosso próximo, porque a excessiva lógica do sujeito encarcerado em si mesmo nos limitou a ponto de não conseguirmos percebermos a nos mesmos e ao outro como relação de identidade-diferença. Esquecemos que somos o próximo, e que não estamos sós. Fazemos das pessoas pedras, pontes, e terminamos por passar por cima de qualquer obstáculo em nossa busca desenfreada de “possuir algo”. Para Erich Fromm, “A sociedade deve ser organizada de modo tal que a natureza social e amorosa do homem não se separe de sua existência social, mas se unifique com ela.” (1956, p.157).

No entanto, uma leitura fenomenológica a partir de Merleau-Ponty aponta que o homem não tem um corpo, ele ‘é seu corpo’, o corpo é “projeto sobre o mundo” ... “Engajo-me com meu corpo entre as coisas, elas coexistem comigo enquanto sujeito encarnado” (1994, p. 252). Para Merleau-Ponty “É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é pelo meu corpo que percebo “coisas”” (1994, p. 253). Breton discutindo as ideia de Merleau-Ponty afirma que “A condição humana é corporal. Há uma conceituação do corpo, da mesma maneira que há um arraigamento carnal do pensamento” (2003, p.190)

Na contemporaneidade, o que encontramos é uma natureza social, que por muitas vezes sequer se socializa. Quando vivemos num mundo imerso na tecnologia, que tem feito as pessoas viverem através de micro telas, e cada vez mais distantes entre si, onde as pessoas estão cada vez mais sozinhas e presas em suas ilhas particulares, compostas de *smartphones*, redes sociais, se intensifica dramaticamente a exclusão do mundo compartilhado, ou como nos diz Bauman, em suas “redes”, percebemos sempre menos os oceanos nos quais as redes estão inseridas.

Talvez seja por isso que, em vez de relatar suas experiências e expectativas utilizando termos como “relacionar-se” ou “relacionamentos”, as pessoas falem cada vez mais (auxiliadas e conduzidas pelos doutos especialistas) em conexões, ou “conectar-se” e “ser conectado”. Em vez de parceiros, preferem falar em “redes”. (BAUMAN, 2004; p.12)

Aparentemente as pessoas parecem não perceber estas mudanças das quais são sujeitos e ao mesmo tempo objeto; não tomando consciência das transformações efetivadas no campo das relações afetivas e acabam por repetir

padrões estabelecidos pela sociedade sem ao menos questionar o que lhes acontece e que posição ocupam na dinâmica das relações sociais, afetivas, econômicas, etc. Para Luijpen,

Entrar na vida não é, em primeira instância, mais do que ser introduzido num “curso das coisas”, que se tornou padrão fixo em um determinado grupo. A introdução no “curso das coisas” consiste em que o grupo faz a existência individual pensar, agir e ser de acordo com os padrões comuns. (1973, p.267).

Luijpen nos esclarece de forma prática a distância que percorremos para longe do outro quando nos fala do contato direto com o outro como *não-coisa*. Ainda para Luijpen:

o encontro com o outro distingue-se direta e imediatamente do encontro com uma coisa. De fato, o corpo do outro que “intuo” não é um corpo pertencente à grande família “dos” corpos, mas um corpo humano, um corpo sujeito. Por isso o outro revela-se diretamente como o outro, como não-coisa. É o outro “em pessoa” que vejo tremendo de medo, que ouço a suspirar de cuidados. (1973, p.275)

Tanto Merleu-Ponty quanto Luijpen apontam as diversas maneiras de co-existir com o outro como fundamentais para a constituição da subjetividade, e é indispensável entender que o outro tem suas peculiaridades, no tratado da construção do amor, é fundamental saber que não podemos invadi-lo e seria crueldade transformar a subjetividade do outro numa cópia-coisa do nosso desejo, tratando-o como um objeto que pode ser moldado à nossa vontade. No respeito a minha subjetividade, está incluído o respeito à subjetividade do outro.

Octavio Paz, em sua obra **A dupla chama: amor e erotismo** aponta o caráter do amor como experiência radical. Para ele:

É estranho numa época em que se fala tanto de direitos humanos se permita alugar e vender, típicos engodos comerciais, os corpos de homens e mulheres para sua exibição, incluindo as partes mais íntimas. O escandaloso não é o fato de se tratar de uma prática universal e admitida por todos, mas sim que ninguém se escandaliza: nossos alicerces morais intumesceram. Em muitos povos a beleza foi vista como um prolongado da divindade; hoje é um signo publicitário (1993, p.143)

Ainda segundo Paz, “Um dos grandes atrativos da pornografia consistiu, precisamente, na transgressão dessas crenças e proibições”(1993, p.143). Na busca do ter, nos encontramos cegos ao apelo do outro, nos tornamos ilhas de concreto, isolados pela nossa “liberdade”, nos tornamos egoístas, a ponto de não nos responsabilizarmos pela sociedade em que vivemos, sem nos importar com o que se passa ao nosso redor, desde que não sejamos atingidos, sendo esse um dos

pontos, em que nos distanciamos daquilo que poderíamos denominar amor. Ainda segundo Octavio Paz:

Cruel paradoxo: a sensibilidade extrema dos amantes é a outra cara de sua indiferença, não menos extrema, diante de tudo que não seja seu amor. O grande perigo que ameaça os amantes, a armadilha mortal em que caem muitos, é o egoísmo. O castigo não se faz esperar: os amantes não veem nada nem ninguém que não sejam eles mesmos até que se petrificam... ou se chateiam. O egoísmo é um poço. Para sair ao ar livre, é preciso olhar além de nós mesmos: lá está o mundo à nossa espera. (1993, p.188)

Onde impera o egoísmo não é possível habitar o amor, é preciso olhar adiante, olhar o Outro não como um ideal criado por nós mesmos, mas em si mesmo, como alteridade radical. O amor não está à venda, não se dá como relação comercial, não é uma questão daquilo que o outro pode ou não me oferecer, mas uma intertroca de relações. Para Erich Fromm:

Há um meio, um desesperado meio, de conhecer o segredo: é o do completo poder ser a outra pessoa. Poder que a obrigue a fazer o que quisermos, sentir o que quisermos, pensar o que quisermos; que a transforme numa coisa, nossa coisa, possessão nossa. (1956, p.42)

Fromm nos faz ver que onde falta a liberdade de ser si próprio, há falta de amor, pois o amor é a aceitação da minha subjetividade, aceitação de quem sou. O transformar o outro em alguma coisa, o sentimento de posse que exercemos sobre o outro como se fossem objetos comprados, vem da nossa experiência vivida. Numa breve citação de Luijpen, podemos encontrar uma resposta de mudança para essa realidade. O amor aparece em Luijpen como uma saída para essa coisificação, dando-nos outra possibilidade na forma de existir. Para ele: “Há várias possibilidades específicas de “tratar-se mutuamente como sujeito”. O amor é uma dessas possibilidades.” (LUIJPEN; 1973, p. 309)

O outro não deve ser visto como alguém do qual podemos extrair algo, mas alguém que possamos entregar algo e o amor é essa entrega. Vivemos numa sociedade em que essa visão se encontra distorcida, pois em tudo somos permeados pela ideia de possuir e usar, onde nossas relações tem um preço.

Na visão de Octavio Paz,

Basta mencionar alguns exemplos: o mercado livre que aboliu o patrimonialismo e os tributos, tende continuamente a produzir enormes monopólios que representam sua negação; partidos políticos, órgãos da democracia, transformaram-se em aplanadoras burocráticas e em poderosos grupos de conchavos; os meios de comunicação corrompem as mensagens, cultivam o sensacionalismo, desprezam as ideias, praticam uma censura dissimulada, sobrecarregam-nos com notícias triviais e

escamoteiam a verdadeira informação. Como achar estranho então que a liberdade erótica hoje designe uma servidão? (1993, p.145)

O que Octavio Paz nos diz é que é necessário parar de vender a nossa liberdade. O amor não é um comércio, onde se trocam favores ou corpos. O que aprendemos na nossa mídia sobre relações de afeto são muitas vezes relações de negociações, ou seja, do quanto podemos lucrar com a outra pessoa.

Para Erich Fromm: “O amor é uma atividade, e não um afeto passivo; é um “erguimento” e não uma “queda”. De modo mais geral, o caráter ativo do amor pode ser descrito afirmando-se que o amor, antes de tudo, consiste em dar, e não em receber.” (1956, p.34)

Entrega e graça deixam de fazer sentido nas relações contemporâneas, pois o que aprendemos foi: possuir, usar e descartar, e as relações passam a serem vividas por este mesmo caminho e tornando-se descartáveis. Para Bauman: “A modernidade produziu desde o início, e continua a produzir, enormes quantidades de lixo humano.”(2004, p.148)

Bauman faz essa colocação se referindo a produção e reprodução da ordem social e a indústria moderna. Vivemos numa sociedade em que essas visões de entrega e graça encontram-se distorcidas. Para Luijpen “Há uma só palavra para exprimir com exatidão o que é o amor: a graça. A ela só posso dizer “sim”. E acaso não é algo do meu “sim” que me é também dado?” (1973, p.324). Mas Luijpen não coloca isso num modelo de troca ou uso, mas por graça. Ao contrário, ainda em Luijpen: “O apelo não deve ser tomado como o atrativo exercido por alguma qualidade do outro, seja ela corporal, seja espiritual.”(1973, p.310).

Entrega de quem se é, para o desconhecido, sem esperar nada em troca, afinal, não sabemos o que existe no outro. Para Octavio Paz: “O verdadeiro amor consiste precisamente na transformação do apetite de posse em entrega.”(1993, p.107), nem podemos esperar por tal façanha. Para Luijpen: “Não se afirma, naturalmente, que a subjetividade e as intenções subjetivas do outro se tornem de todo transparentes: elas são e permanecem sendo um mistério para o outro mesmo e para mim.” (1973, p.272). Logo, podemos observar mais uma vez a necessidade do amor como aceitação e graça.

O amor ao outro é o respeito a quem ele é, ao que ele representa, à suas ações; é isso que amamos no outro, aquilo que não somos, aquilo que não podemos ser, pois pertence a subjetividade do outro. Dessa forma, nos ampliamos, nos acrescentamos à medida que nos doarmos ao outro. Para Luijpen, a experiência do

amor “contém um convite a sair de mim mesmo, a abandonar a preocupação comigo e o fascinado interesse pelo que é meu.”(1973, p.309)

No amor não existe a necessidade de posse, nem de uso, nem de domínio. Nada tem a ver com que o outro vai ou não querer me oferecer. O amor por sua essência é livre. Para Luijpen “Quando ama o outro, deseja sua subjetividade, sua liberdade e sua transcendência; não pode querer outra coisa se não a concordância livre do outro com o amor que lhe é oferecido, pois que o amor consiste precisamente no desejo de sua liberdade.” (1973, p. 324)

Em tudo somos permeados pela ideia de possuir e usar, o que nos fecha as possibilidades de ampliar-nos através do amor, através da relação com o outro. Para Fromm:

O homem moderno transformou-se num artigo; experimenta sua energia vital como um investimento com que pode alcançar o mais alto lucro, considerando sua posição e a situação do mercado de personalidade. Alienou-se de si, de seus semelhantes e da natureza. Seu objeto principal é a troca proveitosa de suas capacidades, conhecimentos e de si mesmo, de seu “fardo de personalidade”, com outros que pretendam igualmente uma troca justa e proveitosa. A vida não tem meta exceto a de movimentar-se, nem princípio a não ser o da boa troca, nem satisfação que não seja a de consumir.(1956, p.126)

Consumimos tudo, inclusive pessoas. Essa “troca” limita nossas relações. Fechamos as portas a qualquer coisa que possa parecer-nos menos, ou sem valor, quando na verdade o amor seria abrir as portas para permitir que a diferença do outro nos acrescente e nos amplie. O amor anda de mãos dadas com o respeito à diferença do outro, é companheiro indispensável da liberdade. O outro não é uma mercadoria e o amor não está exposto nas bancas. As pessoas são tratadas como mercadoria, de forma que se existe algum defeito, ou eu não goste do produto, eu possa trocar, e ter meu investimento ressarcido.

Somos uma sociedade imediatista, uma geração do *fast-food*, os seres humanos tem usado uns aos outros. O amor é algo a ser cultivado de forma que é necessário ter paciência e empenho, pois estaremos entrando num mapa desconhecido. “Sem humildade e coragem não há amor. Essas duas qualidades são exigidas, em escalas enormes e contínuas, quando se ingressa numa terra inexplorada e não mapeada.” (Bauman, 2004. p.22), mas aparentemente não temos tempo pra isso. Para Fromm “Não adiar a satisfação de qualquer desejo tornou-se a tendência principal na esfera do sexo, assim como na de todo consumo material.”



(1956, p.112). A maioria das nossas relações tem se resumido a sexo, e o afeto, o amor, tem sido deixado de lado pela satisfação imediata de nossos desejos.

O sexo pelo sexo não sustenta o amor, é preciso mais que isso, não é apenas a satisfação de um desejo, quando o amor chega ao corpo em forma de sexo, existe toda uma poesia, o erotismo, liberdade de ser quem é. Para Octavio Paz: “o casal não se sente empenhado em cumprir o que a paixão pede. É amor? Na verdade é cumplicidade erótica.” (1993, p.108)

Amor e desejo nem sempre trilham o mesmo caminho. O primeiro, trata-se de uma entrega, o segundo trata-se de uma fuga.

Para Bauman:

Desejo e amor encontram-se em campos opostos. O amor é uma rede lançada sobre a eternidade, o desejo é um estratagema para livrar-se da faina de tecer redes, Fiéis a sua natureza, o amor se empenharia em perpetuar o desejo, enquanto este se esquivaria aos grilhões do amor. (2004, p.25)

Encontramo-nos em um ciclo de busca sem fim, em que sempre se retorna a busca dessa satisfação imediata, e conseqüentemente uma insatisfação permanente. Para Erich Fromm

Todos esses tipos de proximidade, entretanto, tendem a reduzir-se cada vez mais com o correr do tempo. A consequência é buscar-se amor em outra pessoa, em novo estranho. E de novo o estranho se transforma em pessoa “íntima”, de novo a experiência de cair enamorado é jubilosa e intensa, e de novo, vagarosamente, vai perdendo a intensidade, para terminar no desejo de nova conquista novo amor - sempre com a ilusão de que o novo amor será diferente dos anteriores. Essas ilusões são grandemente incentivadas pelo caráter enganador do desejo sexual (1956, p. 69)

Entendemos então, que na contemporaneidade existe um afastamento do afeto, do contato real com o outro em prol de uma superficialidade que é resposta da velocidade em que as coisas acontecem. Essa aceleração termina por causar a falta de investimento necessário para a nutrição de relações amorosas baseadas em princípios como o da graça, da paciência, do respeito, etc.

Para Fromm “Pessoas capazes de amar, sob o presente sistema, são necessariamente exceções. O amor é, por necessidade, um fenômeno marginal nos dias atuais da sociedade ocidental” (1956, p. 156), por isso a necessidade de começar a pensar um amor fora dos portões e esconderijos feitos pela sociedade. Precisamos ouvir o outro na medida em que necessitamos ser ouvidos. É ouvir o apelo, ouvir a voz, ouvir o outro por inteiro, sem a necessidade de suprir nossos desejos imediatos atropelando aqueles que nos rodeiam. Para Luijpen,

São os que me dirigem um apelo! Não escutarei, porém, seu apelo a mim, se me identificar com o papel que me cabe representar, visto que essa identificação equivale a uma preocupação comigo mesmo, fechando-me ao chamado real do outro. (1973, p. 310).

É preciso mais do que abrir as janelas, é preciso pular os muros da indiferença e do egoísmo, pois

Quem está cheio de orgulho ou ambição não “vê” nada, porque o apelo do outro nada tem de violento, não acontece bruscamente, não deseja conquistar, não me sacode e deixa sempre aberta a possibilidade de uma recusa. Nada tem de uma exigência, pois é humilde demais para exigir algo. Mas por isso mesmo é possível que eu não perceba o apelo do outro. (LUIJPEN, 1973; p.309):

Estamos tão cheios de nós mesmos que não somos capazes de ouvir o apelo do outro, o sussurrar da possibilidade de ampliar-se em

... sua subjetividade. É esta mesma que constitui o apelo dirigido a mim, suplicando-me que participe dela. G. Marcel tenta exprimir esse pedido com as palavras: “Sê comigo”. É a requisição do outro para que eu saia de mim mesmo, para que participe de sua subjetividade, aceitando-a e ampliando-a. (LUIJPEN; 1973, p.311).

O amor dá possibilidades, jamais as rouba, o que reconduz-nos à ideia de que o amor é graça. “Quem, contudo, realmente ama, tem consciência de que as qualidades ou méritos do outro pouca importância possuem.” (LUIJPEN; 1973, p.311).

A forma como vemos o mundo e como enxergamos o outro, faz diferença na compreensão do outro como pessoa existente nas nossas relações, e representação de nosso amor. O outro existe para nós a partir do momento em que somos capazes de percebê-lo. Para Merleau-Ponty “Procuremos ver como um objeto ou um ser põe-se a existir para nós pelo desejo ou pelo amor, e através disso compreenderemos melhor como objetos e seres podem em geral existir.” (1994; p. 213)

Como dizia Victor Hugo: *Le suprême bonheur de lavie, c’est la conviction qu’on est aimé; aimé pour soi – même, disons mieux, aimé malfré soi-même*. Que traduzido seria: “a suprema felicidade da vida é a convicção de ser amado por aquilo que você é, ou melhor, apesar daquilo que você é.” (1862, p.93), pois o amor não impõe condições, não ofusca a liberdade, ele humildemente espera que se diga “sim”.

O amor não é circunstancial, por isso é livre, por isso é doado pela própria graça, pois não espera nada em troca, o comércio não faz parte de sua jurisdição. Para a experiência do amor, o fato do outro apenas existir o faz digno dele. “usando

uma fórmula mais geral: sou amado pelo que sou; ou, talvez com exatidão maior: sou amado por que sou". (FROMM; 1956, p.53)

Esse amor é praticamente invisível aos olhos de uma sociedade onde tudo é pago, tudo é lucro, tudo é comércio. Amar é sobretudo arte, portanto, é preciso empenho para aperfeiçoar seu domínio e tornar-se mestre.

Aqueles que se preocupam seriamente com o amor como a única resposta racional ao problema da existência humana devem, então, chegar à conclusão de que importantes radicais mudanças em nossa estrutura social são necessárias, para que o amor se torne um fenômeno social.(FROMM, Erich, 1956, p.165)

Por fim, o homem rumou para um caminho onde as máquinas e as coisas têm mais valor do que a própria existência humana, mas é possível como nos diz Fromm, fazemos uma revisão de nossa estrutura social, para que o amor tenha seu espaço dentro da nossa sociedade, em sua forma própria, e não adaptada às nossas necessidades contemporâneas, baseadas na velocidade e descartabilidade de nossas relações.

#### Referências Bibliográficas

- LA BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas: Papiros, 2003.
- FROMM, Erich. **A arte de amar**. São Paulo: Itatiaia, 1956.
- LUIJPEN, W. A. M. **Introdução à Fenomenologia Existencial**. São Paulo: EPU, 1973.
- BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- PAZ, Octavio. **A dupla chama amor e erotismo**. São Paulo, Siciliano, 1994.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- HUGO, Victor. **Os Miseráveis**, Rio de Janeiro, A. Lacroix, Verboeckhoven&Ce., 1862.